

Jornal Nacional: Posicionamento político em meio à crise de COVID-19¹

Luiza Menezes SALLA²
Fabiana CRISPINO SANTOS³
Centro Universitário Ibmecc, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir acerca das práticas jornalísticas em meio à crise do Covid-19. Mais especificamente, a reflexão busca entender os motivos e necessidades que fizeram com que o *Jornal Nacional* – telejornal mais popular do país – reinventasse suas práticas para adequar-se ao cenário vigente. O trabalho traz a análise de três editoriais do JN que carregam consigo determinado caráter político.

PALAVRAS-CHAVE

Covid-19, Jornalismo político, Telejornalismo, Jornal Nacional, editorial.

INTRODUÇÃO

Desde a chegada do coronavírus no Brasil, em fevereiro de 2020⁴, a disseminação sem precedentes da doença fez com que a Organização Mundial de Saúde anunciasse uma pandemia global⁵. À medida que o contágio do vírus aumentava exponencialmente e uma realidade pandêmica se configurava, novos debates surgiram na sociedade e, conseqüentemente, novas polêmicas foram instauradas.

Além da crise de saúde, o campo do jornalismo foi significativamente afetado. No caso do Brasil, para se adaptar, a atividade jornalística adotou diferentes práticas relacionadas às rotinas produtivas, aos formatos de cobertura, às entrevistas – que agora são majoritariamente via videoconferência devido ao distanciamento social –, à linguagem a ser utilizada quando temas científicos são abordados, entre outras transformações, e se viu diante de conflitos agravados na política.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do 8º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro Universitário Ibmecc/RJ. E-mail: lumenezes@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, professora titular do departamento de Comunicação Social do Centro Universitário Ibmecc/RJ. E-mail: fabi_crispino@yahoo.com.

⁴ Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 14/07/2021.

⁵ Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 14/07/2021.

A eficácia do isolamento social, o uso de medicamentos não comprovados cientificamente e a gestão econômica do país em meio à crise são exemplos das dificuldades que pautaram o debate nos últimos tempos, recaindo sob o jornalismo a responsabilidade de desdobrar esses temas.

Nesse cenário, a Rede Globo, emissora de maior audiência no país, vem aumentando o tom crítico no tratamento ao governo federal, especialmente no *Jornal Nacional*, seu principal telejornal. Para Coutinho, Falcão e Martins (2020, p.2), quando a imprensa e o presidente estão em desacordo, é importante entender a dinâmica dessa disputa: “a queda de braço entre TV Globo e Jair Bolsonaro se tornou também assunto de interesse do público. A disputa por poder simbólico e todas as suas camadas narrativas converte-se assim em mais um elemento que merece ser acompanhado”.

A partir do contexto apresentado, a presente reflexão busca compreender como e porque o *Jornal Nacional* decidiu romper com sua postura habitual e adotar um posicionamento político crítico mais aberto. Para isso, pretende-se identificar os desafios causados pela pandemia para a profissão, as necessidades e as reações do jornalismo em meio à crise.

JORNALISMO EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

A chegada do coronavírus no Brasil em 26 de fevereiro de 2020⁶, quase dois meses após o surgimento da doença no mundo⁷, impactou de forma significativa o cenário do jornalismo brasileiro. Cobrir e noticiar uma pandemia, apurar o número de casos e mortes no país e no mundo, interpretar os casos, entender a linguagem técnica que a crise de saúde sem precedentes demanda, ouvir cientistas, tudo isso passou a fazer da nova rotina dos profissionais da área. A carga de trabalho foi potencializada, uma vez que se tratava do primeiro cenário pandêmico desse nível de transmissão e mortalidade depois de um século e as pessoas buscavam informações oficiais para entender a situação desconhecida⁸.

⁶ Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 14/07/2021.

⁷ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/COVID-19>>. Acesso em: 14/07/2021.

⁸ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/03/13/qual-foi-a-ultima-pandemia-mundial>>. Acesso em: 14/07/2021.

No primeiro mês de casos confirmados do coronavírus no Brasil, a maior emissora do país, a rede Globo, alterou sua programação para dar mais espaço ao jornalismo, principalmente na TV aberta, considerando os interesses e necessidades dos telespectadores, segundo comunicado oficial⁹. Em seguida, a Globo viu disparar os números de audiência de seus telejornais: um estudo do Kantar Ibope Media apontou que os telejornais viraram campeões de audiência desde o início da pandemia¹⁰.

Nesse cenário, as rotinas produtivas dos profissionais de jornalismo se resumiram a um único tema: coronavírus. Não havia algo tão importante quanto a pandemia para ser noticiado, tampouco outro assunto de interesse público e do público, se não o coronavírus e os desdobramentos da doença. O crescimento da audiência é o indicativo da necessidade e urgência do público por informação.

Os primeiros meses de cobertura foram de adaptação. Em meio a desafios diários, os profissionais de jornalismo se encarregaram de buscar informações científicas sobre a pandemia e, ao mesmo tempo, expressar a sensibilidade humana para noticiar uma tragédia mundial.

Cumprindo um papel fundamental de cidadania, o jornalismo, mais do que nunca, tratou de oferecer informações precisas de interesse coletivo. Responsável por transmitir esses conhecimentos diariamente para a sociedade, o jornalismo conquistou um lugar de protagonismo na crise.

NOVO NORMAL, NOVOS DESAFIOS

Para além das transformações práticas no campo causadas pelo isolamento social, os conflitos políticos e sociais e a responsabilidade de conscientizar a população em meio a uma pandemia foram ainda mais desafiadores para os profissionais da área.

Desde o início da crise, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) e autoridades no assunto haviam transmitido as orientações de isolamento social e do uso de máscaras e álcool gel, o Governo Federal decidiu não adotar a medida como política pública de combate ao coronavírus.¹¹ Em 15 de março, logo após a declaração de

⁹ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/noticia/mudancas-na-globo-em-funcao-do-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 13/07/2021.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-16-03-a-22032020/>>. Acesso em: 12/07/2021.

¹¹ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/na-tv-bolsonaro-critica-isolamento-e-diz-que-a-vida-deve-continuar-24032020>>. Acesso em: 12/07/2021.

pandemia pela OMS e as medidas de distanciamento social serem estabelecidas como protocolo internacional, o presidente Jair Bolsonaro compareceu a uma manifestação a seu favor e cumprimentou as mãos de seus apoiadores, atuando como dificultador no processo de conscientização da sociedade¹².

Desde então, a polarização política pautou os debates no país. De um lado, os simpatizantes do presidente – que manteve as atitudes negacionistas à gravidade do cenário –, que apoiam seu discurso, e de outro um movimento de oposição, formado por políticos, cientistas, profissionais de saúde e outra parcela da sociedade. Estabeleceu-se, assim, o agravamento da crise política e de saúde¹³.

Em 17 de março, a primeira morte foi confirmada no país.¹⁴ Até o início de abril de 2021, o Brasil registrou mais de 13 milhões de casos da doença¹⁵ e, ao decorrer dos meses, a cobertura jornalística acerca do tema se intensificou, ao mesmo tempo que os debates políticos passaram a fazer parte das pautas relacionadas à pandemia.

A discussão sobre a utilização da cloroquina (medicamento geralmente usado para tratar a malária); o questionamento sobre a gravidade da doença e a capacidade do sistema de saúde para absorver e tratar os infectados; a abertura do comércio para continuar movimentando a economia em oposição ao fechamento das atividades comerciais; a eficácia do isolamento social; essas e outras discussões se tornaram frequentes nos debates polarizados sobre a pandemia no Brasil.

A divergência de opiniões entre autoridades do país, como o próprio presidente, outros governantes e membros da área científica e da saúde serviu para confundir o público, além de não oferecer uma orientação clara e objetiva para o enfrentamento da pandemia. Sendo assim, recaiu sob o jornalismo o trabalho redobrado de educação, conscientização e orientação da população.

Desde o começo, a grande mídia, com destaque para os telejornais, tem se esforçado para transmitir ao público informações de qualidade e baseadas na ciência. Muitas vezes isso significou assumir um posicionamento de oposição ao governo, já que

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/15/mesmo-com-recomendacao-de-monitoramento-por-coronavirus-bolsonaro-participa-de-carro-de-ato-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em: 11/07/2021.

¹³ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 11/07/2021.

¹⁴ Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-primeira-morte-pelo-novo-coronavirus-em-sao-paulo,70003236434>>. Acesso em: 12/07/2021.

¹⁵ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/brasil-registra-135-milhoes-de-casos-de-covid-19-e-3546-mil-obitos>>. Acesso em: 12/07/2021.

o maior líder de Estado não apenas negava a gravidade da pandemia como também passou a atuar de maneira contrária ao trabalho da imprensa.

Exemplo disso foi o adiamento, por parte do Governo Federal, do horário de liberação diária dos boletins oficiais dos casos de COVID-19 no país para 22h, propositalmente após o *Jornal Nacional*. A ideia foi impedir o telejornal de divulgar os dados atualizados no horário nobre¹⁶.

Esse e outros episódios contribuíram para que o jornalismo e, especialmente, o *Jornal Nacional*, telejornal brasileiro líder de audiência¹⁷ da Rede Globo, assumisse em suas matérias, reportagens e editoriais um posicionamento político mais definido e explícito, de oposição ao governo Jair Bolsonaro. Para Renault (2020, p. 116), esse posicionamento esclareceu o trabalho jornalístico como “autônomo e essencial à vida democrática”.

Uma pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) mostrou que o ano de 2020 foi o ano mais violência com os jornalistas desde 1990. De acordo com o relatório *Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil*¹⁸, o número de ataques aos jornalistas mais do que dobrou em relação ao ano anterior.

A pesquisa trouxe como principal motivo para o crescimento das agressões aos profissionais da área a política, em especial a ascensão do bolsonarismo. O posicionamento político dos jornais acarretou uma revolta por parte dos opositores ao ponto de desencadear ataques de todos os tipos, o que contribuiu ainda mais para que os jornalistas passassem a se defender e a se posicionar.

Além disso, a realidade pandêmica trouxe para as audiências uma crise para além da saúde, mas também da informação. A conduta do governo federal estimulou a insegurança. Não existia um manual claro de como lidar com a doença e as declarações e atitudes do governo se contradiziam a depender dos dias e, ao mesmo tempo, também divergiam do posicionamento de outras autoridades, principalmente as do ramo científico.

Um estudo realizado sobre a desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil atribui responsabilidade ao presidente Jair Bolsonaro: “os especialistas em

¹⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>>. Acesso em: 12/07/2021.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-12-04-a-18-04-2021/>>. Acesso em: 12/07/2021.

¹⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/26/ano-de-2020-tem-recorde-de-ataques-a-liberdade-de-imprensa-desde-inicio-da-serie-na-decada-de-1990-diz-fenaj.ghtml>>. Acesso em: 12/07/2021.

comunicação são unânimes em afirmar que as declarações do presidente da república do Brasil têm contribuído para desinformar e confundir a população sobre os métodos de evitar a transmissão da doença” (GALHARDI et al., 2020, p.6).

Essa falta de encaminhamento claro desencadeou uma sociedade confusa, desinformada, polarizada e ainda mais infectada. As informações falsas, por sua vez, foram disseminadas rapidamente – assim como o vírus – e geraram efeitos impactantes em todo país. Isso foi comprovado quando a própria Organização Mundial de Saúde (OMS) denominou o fenômeno como uma infodemia no início do segundo semestre de 2020¹⁹.

Neste cenário, a ameaça à sociedade ultrapassou a letalidade da doença. O risco das informações falsas e/ou da falta de informação foi igualmente perigoso, e o jornalismo se viu na obrigação de se posicionar.

Esta necessidade de posicionamento tem a ver com o pilar do jornalismo ligado à cidadania e ao bem comum, que visa garantir os direitos dos cidadãos. É papel da imprensa fornecer subsídios para que os indivíduos questionem causas públicas e lutem por seus direitos. Conforme explica Abreu (2003, p. 26), “a imprensa é um veículo que fornece informações aos cidadãos e, simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade”.

Quando se trata de saúde, o jornalismo orientado à cidadania se dedica a fornecer informações, vigiando as políticas públicas e cobrando as autoridades em busca de assegurar que a sociedade seja amparada:

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como “jornalismo de serviço” (KUCINSKI, 2000, p.183).

O jornalismo cívico, chamado na década de 1980 por Davis Merritt, até então editor do jornal The Wichita Eagle, era um movimento que tinha como principal objetivo incluir temas de interesses públicos nas pautas jornalísticas e incentivar a participação da sociedade nos debates. Esse campo do jornalismo foi criado com base “na premissa de

¹⁹ Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/14-8-2020-infodemia-tem-tornando-resposta-emergencias-saude-ainda-mais-dificil-afirma-opas>>. Acesso em: 12/07/2021.

que o jornalismo e a democracia estão intrinsecamente conectados, sendo mutuamente dependentes” (KALSING; LINDEMANN, 2018, p. 25).

Merrit deixa clara a necessidade de posicionamento do jornalismo em meio à pandemia e, conseqüentemente, à infodemia. Expressar uma posição política foi, além de uma defesa do exercício da profissão resistindo aos ataques violentos e às dificuldades causadas pelo “novo normal”, um reforço do dever de cidadania por parte dos jornalistas para garantir a prática da democracia no Brasil.

Abandonar a tentativa de imparcialidade foi a saída encontrada pelo jornalismo para atentar à sociedade dos riscos ao se negligenciar a pandemia. Em especial, os telejornais trataram de se posicionar de uma forma evidente em relação aos outros meios de comunicação.

Como um forte canal de formação de opinião pública, “a TV e os noticiários se consolidaram no Brasil como um território simbólico. Juntos, assumem um papel de conservação das relações de poder e, conseqüentemente, um controle social no agendamento cultural e político da sociedade” (MAIA, 2011, p. 6). A televisão, por ter um formato mais dinâmico, rápido e combinar som e imagem, se consagrou como um fenômeno, ao mesmo tempo em que os telejornais, ao apresentarem os conteúdos de forma sistematizada e hierarquizada para um público muito diverso, passaram a ocupar um papel de destaque nas programações televisivas, tornando-se capazes de participar na construção da realidade social a partir dos conteúdos ali veiculados.

A linguagem simples utilizada pela TV, pautada na objetividade e no mito da imparcialidade, atinge diferentes públicos-alvo e indivíduos de diversas classes sociais, ainda que cada um possa extrair um sentido diferente daquilo que está sendo veiculado. Para Resende e Jesus (2013, p. 5), “qualquer pessoa consegue entender a signagem da televisão quase em sua totalidade, embora cada indivíduo possa entendê-la de modo diferente”.

Além disso, o conteúdo produzido no formato de jornalismo televisivo gera identificação do telespectador. Os critérios de seleção de determinado programa levam em consideração o público-alvo, a escolha das cenas que serão exibidas em detrimento de outras, o “retrato da realidade” que a TV se propõe a fazer, a característica de estar muito próxima ao fato e a transmissão do conteúdo em tempo real, todos esses fatores contribuem para o destaque da TV em relação aos outros meios de comunicação. Dessa

forma, a sociedade constrói sua identidade a partir de várias características e elementos incorporados da televisão.

Com a chegada da pandemia no Brasil e no mundo, um novo olhar sobre o papel do telejornalismo surgiu, tanto para os telespectadores, quanto para os próprios jornalistas de televisão. A partir das novas práticas do campo e do significativo crescimento de audiência nesse período, torna-se importante analisar o maior telejornal brasileiro, o *Jornal Nacional*.

EDITORIAIS DO JORNAL NACIONAL

Escolher este o *Jornal Nacional* para a análise foi consequência de uma série de fatores. Em primeiro lugar, a relevância do telejornal para a sociedade brasileira, que é declarada em números. Com a maior audiência do Brasil, o JN impactou, no início da pandemia, 48,4 milhões de telespectadores ao mesmo tempo²⁰.

A necessidade de informação sobre uma pauta nova discutida mundialmente e o aumento de pessoas em casa foram fatores decisivos para os resultados de audiência do telejornal. Em 2020, quando a COVID-19 começou a se alastrar no Brasil, a Globo registrou o melhor mês de março desde 2009, ultrapassando a soma da audiência das duas outras emissoras mais assistidas do país, RecordTV e SBT²¹.

Além disso, o JN alcança os mais diversos públicos-alvo em seus programas e, consequentemente, representa maior porcentagem da população brasileira. E os conflitos do atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, com os jornalistas, se deram, com frequência, com os jornalistas da emissora Globo, da qual o *Jornal Nacional* faz parte.

Outro ponto que foi considerado para a escolha do programa para a análise é o fato de que, desde o início da pandemia, o *Jornal Nacional* alterou algumas de suas práticas para ajustar-se ao cenário atual. Uma dessas transformações e, talvez a que mais chame a atenção dos telespectadores, é a exposição de um posicionamento político quando o assunto tratado é o coronavírus.

²⁰ Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/jornal-nacional-impacta-484-milhoes-de-pessoas-na-ultima-quarta.html#:~:text=O%20jornal%20registrou%2032%20pontos,28%20de%20dezembro%20de%202020>>. Acesso em: 14/07/2021.

²¹ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/covid-19-faz-globo-ter-melhor-audiencia-dos-ultimos-10-anos,d638f21eaa4d74d10ef17664f066cb91wzru9spx.html>>. Acesso em: 14/07/2021.

O JN assumiu uma postura diferente daquela que era vista antes da pandemia, e se posicionou cobrando às autoridades e apontando as falhas principalmente na gestão federal.

Contudo, a percepção da imagem do telejornal por parte da população brasileira ficou polarizada, o que torna a análise ainda mais interessante. O JN e seus representantes são vistos a partir de duas perspectivas antagônicas: como heróis para a sociedade, que ocupam um lugar de serviço e “defesa” do público, por seus apoiadores, ou como vilões que atuam em confronto ao governo federal, pelos adeptos às ideologias do presidente.

Nesse contexto, os discursos do *Jornal Nacional* serão observados desde o momento em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia mundial de COVID-19 até o final de 2020, visto que o cenário pandêmico ainda não foi encerrado no Brasil e no mundo.

Os editoriais dos dias 23 de março, 20 de junho e 8 de agosto de 2020 foram escolhidos por representarem marcos importantes da pandemia do Brasil. No *Jornal Nacional*, o formato de editorial não é muito explorado em acontecimentos de rotina, sendo utilizado em situações específicas, consideradas com importância ou destaque a ponto de necessitarem um posicionamento por parte da organização.

A natureza dos editoriais é opinativa e, por isso, o gênero é o que “melhor ilustra a tensão entre interesses públicos e privados no Jornalismo” (ALVERNE; MARQUES, 2015, p. 122). Expressar posicionamentos e opiniões são atividades legítimas do jornalismo, que oferecem ao público a visão da organização sobre as questões que dizem respeito a todos.

Como suporte teórico da análise a seguir, foi utilizada a teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD), uma abordagem desenvolvida por Norman Fairclough no final da década de 1980. A ACD é uma teoria e um método de estudo que analisa a influência das relações de poder sobre o conteúdo e a estrutura dos textos. Para isso, Fairclough propõe-se a estudar a linguagem enquanto prática social e de todas as suas áreas de influência (MAGALHÃES, 2001).

A edição de 23 de março de 2020 estreou a série de editoriais sobre o coronavírus²². Poucos dias após a declaração da pandemia global pela Organização

²² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8424820/>>. Acesso em: 10/07/2021.

Mundial de Saúde (OMS) e da confirmação da primeira morte de COVID-19 no Brasil, o *Jornal Nacional* fez o primeiro editorial relacionado ao tema.

Com fisionomias abatidas, porém pacíficas, William Bonner e Renata Vasconcellos, apresentadores do telejornal, iniciam a fala do editorial pedindo “calma” à sociedade. “Antes de começar a apresentar as notícias de hoje, a gente vai fazer uma pausa (...) primeiro, para dizer simplesmente o que a gente fica dizendo um ‘pro’ outro aqui também: calma. Não dá para começar o JN de hoje sem pedir calma”²³.

A ideia de que os apresentadores também estavam vulneráveis, abalados com a situação do país e do mundo e lutando para passar pelo momento difícil, contribui para a identificação do telespectador. Em um cenário que muitas vezes destaca positivamente os âncoras do maior telejornal do país, a afirmação de que eles também estavam precisando se apoiar um no outro para seguir em frente gera uma identificação do público, que se vê representado uma vez que também se sente perdido e, muitas vezes, desesperado em meio à crise.

Em outro momento do editorial, Bonner chega a reforçar a vulnerabilidade dos profissionais que compõem a redação: “é claro que a gente também tem medo de adoecer, aqui não tem super-herói...”²⁴. Depois, ao discorrer sobre a situação do Brasil naquele momento, homenagear os profissionais de saúde e prestar solidariedade para as famílias das vítimas, nota-se um editorial com objetivo de pacificar a situação e não aterrorizar o público.

Bonner explica também que o aumento de tempo de transmissão de programas jornalísticos na emissora teve como principal objetivo orientar o público de forma assertiva. “Quando a Globo aumentou o tempo diário que é dedicado ao jornalismo, foi exatamente para poder levar essa informação necessária sem correria. É para você ver e ouvir o que está acontecendo e para você saber como deve agir para se proteger”²⁵.

Em uma breve análise do discurso dos apresentadores, é possível perceber uma linguagem mais coloquial. Apesar de, possivelmente, contarem com o apoio do teleprompter, os jornalistas dissertam o texto de forma mais solta, uma linguagem mais “falada”, apoiando-se em termos informais que não são utilizados nas demais reportagens, o que ajuda a fornecer uma ideia de aproximação com o público.

²³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8424820/>>. Acesso em: 10/07/2021.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

No contexto que se vivia naquele momento, o telejornal ainda não havia se posicionado politicamente de forma explícita. Por se tratar do início da pandemia e dos casos de COVID-19 no Brasil, os conflitos políticos ainda não tinham entrado em cena e a politização do vírus ainda não acontecia de forma tão intensa. A percepção final é de que o JN utilizou o recurso do editorial como uma conversa com a sociedade, estabelecendo uma relação mais próxima com os telespectadores, para transmitir uma mensagem no sentido de tranquilizar e apoiar os cidadãos brasileiros, ainda sem expressar ideologias.

No editorial do dia 20 de junho de 2020 a abordagem é um pouco mais incisiva²⁶, o que se justifica uma vez que a pandemia foi se agravando no país e novos debates políticos surgiram em decorrência da disseminação do vírus.

Com o marco de 50 mil mortos por coronavírus na data, o principal objetivo desse editorial é demonstrar solidariedade aos amigos e familiares daqueles acometidos pelo COVID-19. Paralelamente ao discurso narrado pelos apresentadores, imagens das vítimas são transmitidas em um telão atrás da bancada principal.

Pela primeira vez no formato de editorial, a instituição demonstra um conflito político entre os que são conscientes da gravidade do vírus e aqueles que negam seu potencial. Na fala do Bonner, a instituição reconhece ser alvo de críticas por dar tamanha visibilidade ao tema da COVID-19 em seus materiais jornalísticos:

E é um sinal muito triste dos tempos que nós vivemos que a gente tenha que explicar essa atitude, não para a imensa maioria do povo brasileiro – de jeito nenhum – mas para uma minoria muito pequena, mas muito barulhenta, para quem o que nós fazemos - o jornalismo profissional - deveria se não fechar completamente os olhos para essa tragédia, pelo menos não falar dela com essa dor.

Em um momento em que o jornalismo estava sendo apontado como “reprodutor de tragédias”, principalmente por parte do governo federal e de seus apoiadores, o discurso serve como uma justificativa do posicionamento adotado pela empresa.

Alguns dias antes deste editorial, o presidente da República comandou a alteração do horário de divulgação dos boletins diários sobre a COVID-19 no país. O objetivo do atraso para apresentar as atualizações era evitar que os dados estivessem disponíveis a tempo de serem divulgados nos telejornais de mais audiência do país, mais

²⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8641318/?s=0s>>. Acesso em: 14/07/2021.

especificamente, no *Jornal Nacional*. Essa justificativa foi reforçada com a fala de Jair Bolsonaro na saída do Palácio da Alvorada, ao ser questionado sobre a nova medida: “Acabou matéria do *Jornal Nacional*”²⁷, afirmou ele.

Com uma narrativa mais impactante sobre as consequências das atitudes tomadas na pandemia, Vasconcellos e Bonner finalizam o editorial. “A história que vai contar para as gerações futuras o que aconteceu (...) A história vai registrar também aqueles que se omitiram, os que foram negligentes, os que foram desrespeitosos. A história atribui glória e atribui desonra. E história fica para sempre”²⁸.

Nas entrelinhas, é possível entender que o JN fala daqueles que negam o vírus, incluindo o próprio presidente da República. Entretanto, os apresentadores não nomeiam os responsáveis, deixando implícito a quem atribuíam tal responsabilidade.

Já no editorial do dia 8 de agosto esta atribuição se torna mais evidente²⁹. Com a chegada do marco de 100 mil mortos no país naquele dia, o *Jornal Nacional* inicia a exibição do editorial com a leitura de um artigo da constituição brasileira focado no direito à saúde para toda a população e o dever de proporcioná-la por parte do Estado.

A cobrança explícita às autoridades nacionais acontece logo depois da apresentação da lei. O nome de Jair Bolsonaro é citado diretamente e ocupa grande espaço no editorial. Criticado de forma clara e objetiva pela organização, o presidente da República é responsabilizado de forma explícita, sem deixar dúvidas aos telespectadores, contrariando a postura adotada nos últimos editoriais.

“Mas o Brasil está há doze semanas sem um ministro da saúde titular (...) Dois médicos de formação deixaram o cargo de ministro da saúde porque pretendiam seguir as orientações da ciência e o presidente Bolsonaro não concordou com essa postura deles”³⁰, diz Vasconcellos, logo após ler o artigo da constituição. Bonner continua:

Primeiro, o presidente menosprezou ‘a Covid’, chamou de gripezinha... depois, quando um repórter pediu que ele falasse sobre o número alto de mortes, Bolsonaro disse que não era coveiro, disse duas vezes ‘não sou coveiro’... Quando os óbitos chegaram a 5 mil, a resposta dele a um repórter foi ‘e daí?’.

²⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8641318/?s=0s>>. Acesso em: 14/07/2021.

²⁸ Idem.

²⁹ Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/jornal-nacional-50-mil-mortes-coronavirus-130740355.html?guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAA CNdi3M7AyNm2j7H8ZDG2j1dmfZgTILN_gRc9Lxq_Prq43ZvNi_NzBCP-bVRy73UQLwXkXMgeiYELW-CT7700sqxQ9azLyf7MN5cPxZ10qLZuqwDFwfp3w0AY93NzvtYcDtOZKIP7cSQlyn8nv0LoZmgfMqXtNhjsdt_QVTEH14_&guccounter=2>. Acesso em: 14/07/2021.

³⁰ Idem.

Agora, o presidente repete que a pandemia é uma chuva e que todos vão se molhar, ou que a morte é o destino de todos nós e que temos que enfrentar a doença, como se fosse uma questão de coragem, como se nada pudesse ter sido feito.

Dessa forma, pela primeira vez o *Jornal Nacional* aponta críticas explícitas e manifesta um posicionamento político dessa forma. Com um editorial especialmente destinado a cobrar a maior autoridade do país sobre suas responsabilidades, o JN faz um serviço público.

As expressões faciais dos jornalistas também são demonstrações claras de um posicionamento, ainda que não verbalizado. Com uma fala firme e incisiva e sem tirar os olhos da câmera, Bonner e Renata expressam fisionomias ainda mais tensas, deixando em seus rostos uma insatisfação explícita.

Contudo, é possível identificar um aumento gradativo de tom crítico por parte do *Jornal Nacional*. A conscientização sobre a pandemia acontece desde o primeiro editorial, mas a cobrança e a demonstração de oposição às autoridades – e principalmente ao presidente Jair Bolsonaro – vai subindo progressivamente.

À medida que os debates vão se agravando e as medidas necessárias não são tomadas, o JN intensifica seu posicionamento e demonstra maior indignação, o que representa grande parte do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada do vírus e seus desdobramentos, as pautas políticas se fundiram com temas até então mantidos em um espaço distinto. O jornalismo, por ser - acima de tudo - um serviço público, teve que entrar em cena para intermediar as polêmicas, o que gerou consequências impactantes para suas práticas.

A partir da análise dos editoriais produzidos pelo *Jornal Nacional*, foi possível perceber uma mudança de postura em relação a manifestação do posicionamento político da organização à medida que a situação pandêmica no Brasil se agravou.

Dessa forma, o JN escolheu o formato de editorial para expressar um tom de crescente crítica para seus telespectadores, oferecendo subsídios para que estes pudessem tomar conhecimento da gravidade da situação do país e, conseqüentemente, agir em combate à crise, fiscalizando e cobrando atitudes das autoridades responsáveis, com foco no governo federal.

Percebeu-se que o JN realizou sua própria política e isso não legitima a prática da democracia, mas pelo contrário, incentiva sua manutenção ao oferecer opiniões baseadas em argumentos para que o público emita seus próprios juízos.

Portanto, o posicionamento do JN foi, para além de uma escolha, uma necessidade diante de uma ameaça à sociedade, ao exercício da profissão e à credibilidade da instituição, ameaçada pelo governo de extrema direita do presidente da República.

As consequências dessa decisão ainda estão sendo coletadas e cabe ser investigado com maior profundidade futuramente. Entretanto, o que se sabe é que este momento de crise será um ponto importante na história do jornalismo brasileiro, que definirá os próximos passos do campo.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. **Jornalismo Cidadão**. 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185/1324>>. Acesso em: 06/06/2021.

ALVERNE, C. M.; MARQUES, F. P. J. **A opinião da empresa no Jornalismo Brasileiro: Um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais**. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p121/29591>>. Acesso em: 29/06/2021.

BECKER, B. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção**. 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_485.pdf>. Acesso em: 07/06/2021.

EMERIM, C.; PEREIRA, A.; Coutinho, I. **A (re)invenção do jornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

_____. **Telejornalismo Contemporâneo: 15 anos de Rede Telejor**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2008.

GALHARDI, C.; FREIRE, N.; MINAYO, M. C.; FAGUNDES, M. C. **Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl2/4201-4210/>>. Acesso em: 07/06/2021.

GOMES, I. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão**. 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf>>. Acesso em: 07/06/2021.

JESUS, J. T.; RESENDE, V. L. **A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia**. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve->>

historiografia#:~:text=%E2%80%9CA%20televis%C3%A3o%20fascina%20porque%20corpori
fica,11>. Acesso em: 07/06/2021.

KUCINSKI, B. **Jornalismo, saúde e cidadania.** 2000. Disponível em:
<<https://www.scielo.org/pdf/icse/2000.v4n6/181-186/pt>>. Acesso em: 06/06/2021.

MAIA, A. **O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador.** 2011.
Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf>>. Acesso em: 07/06/2021.

MELLO, J. **Telejornalismo no Brasil.** 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 07/06/2021.